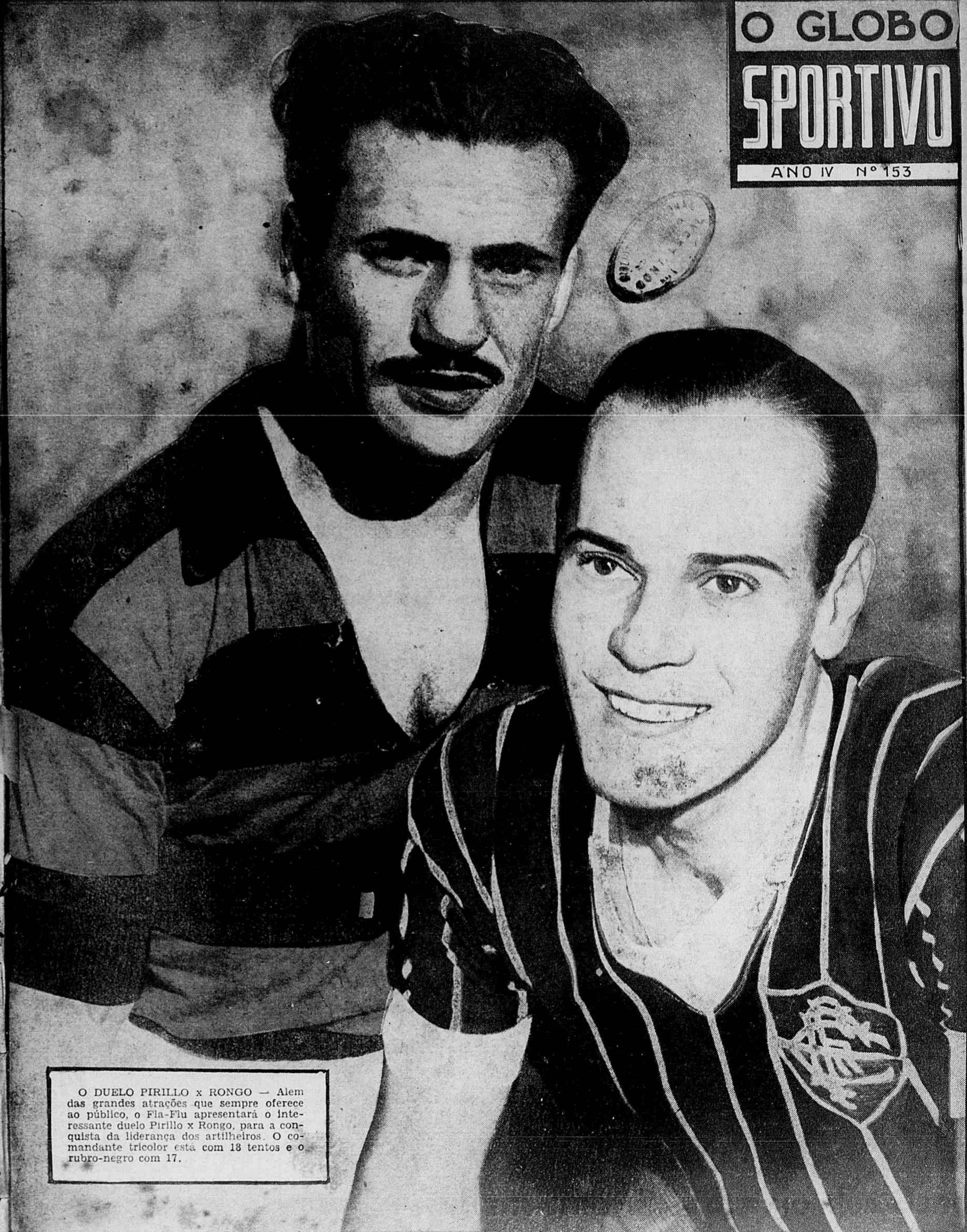


O GLOBO

SPORTIVO

ANO IV N° 153



O DUELO PIRILLO x RONGO — Além das grandes atrações que sempre oferece ao público, o Fla-Flu apresentará o interessante duelo Pirillo x Rongo, para a conquista da liderança dos artilheiros. O comandante tricolor está com 18 tentos e o rubro-negro com 17.

# «POR QUE?»



O afastamento do Sr. Rego Monteiro da direção técnica do Flamengo foi também o reflexo de "casos"

De um certo modo não deve causar surpresa a saída do Sr. Luiz S. do Rego Monteiro do Departamento de Football do Flamengo. Aliás, para se perceber a ameaça do abandono era preciso conhecer todos os pontos e virgulas dos casos surgidos no rubro-negro, enquanto o esforçado paredro concordou em servi-lo mais de perto. A principiar pelo incidente Leonidas. O mais curioso é que se insiste em emprestar a tal explosão o caráter de revide. Assim, se o Flamengo persistisse em afastar de seu grupo de profissionais um jogador, utilizando-se das armas então voltadas contra o popular "Diamante" estaria desencadeada a borrasca. Mas, é preciso esclarecer, o que menos importava era o incidente em si. Dentro do moral esportivo aí estava um erro. Tal erro, porém, tornara-se comum e em relação a determinadas pessoas não seria o primeiro nem tão pouco o último. Trata-se de paredros travestidos em algozes. É verdade que muitos indivíduos também se julgam com qualidades de "juizes togados". Mas um Rego Monteiro, por exemplo, afastaria de início, energeticamente, o ridículo da máscara de algoz para agir segundo a consciência.

Muitos chegaram a estranhar que um organizador da tempera do ex-diretor de football do Flamengo abandonasse assim tão abruptamente a seção a que vinha servindo com tanto esmero e tão elevado senso administrativo. O diretor do vice-campeão sabia onde e como isolara o bem do mal. Mas, para muitos, ainda, não bastava um ano de serviços prestados ao Departamento de Football. Entre a discreção do Sr. Luiz do Rego Monteiro e a vaidade do erro de sentimento dos que se colocaram à outra margem dos incidentes, há um abismo. Seria demasiado pedir serenidade a um homem já amargurado pela responsabilidade de contornar casos. Dessa maneira, há uma lógica evidente nas atitudes opostas. A coerência está no contraste, no avanço e no recuo. Durante meses, durante temporadas, os outros sufocaram a veleidade de punir. Somente quando não mais cabia punir e sim investigar é que os pequenos cezares rubro-negros resolveram fazer alguma coisa. O mais difícil, realmente, era fazer alguma coisa porque tudo estava feito. Inclusive havia um team organizado, sem problemas.

Mas, voltemos à saída. Por que não permaneceu em seu posto — que por sinal nunca denominou de sacrifício — o diretor de football do campeão de terra e mar? Eis aí uma pergunta que está automaticamente respondida. Mas os jogadores que estiveram sob sua orientação não se conformam com o afastamento. E indagou entre si: "Por que nos abandonou tão cedo o Dr. Rego Monteiro?" A pergunta às vezes encontra uma resposta que satisfaz em determinadas circunstâncias. Depois, vencida uma borrasca e na iminência de outra volta-se a indagar com a mesmíssima força de persuasão: Por que nos abandonou? E o mais curioso é que não é um Yustrich isoladamente quem procura conhecer a causa do divórcio. Outros, apáticos como Domingos da Guia, não se mostram tranquilizados com a saída. E, para matar as saudades, para alimentar o "fogo sagrado" da boa, da sã e inesquecível amizade, vão de quando em quando visitá-lo e dar suas notícias. As notícias, em geral, são de que tudo vai menos bem sem ele. É que o Sr. Rego Monteiro teve a felicidade de jamais se julgar com as qualidades de um "juiz togado". E mais, a felicidade de poder, ao encerrar sua missão de paredro militante do rubro-negro, deixar às mãos de Flavio Costa uma carta vadada nos seguintes termos:

"Rio, 7 de julho de 1941. — FLAVIO — Como instrutor-técnico e chefe desse grupo de valorosos atletas-profissionais, do Clube de Regatas do Flamengo, faço-te, meu interprete, junto aos mesmos, de minhas despedidas, valendo-me do momento, para dizer que do ESPORTE, é só de quem leva saudades, dos PARIAS ESPORTIVOS, pois com eles convivendo 11 meses, jamais sofri uma decepção, jamais me desgostaram, jamais prejudicaram minha administração, portaram-se, sempre, como cavalheiros.

A ti deixo o melhor dos meus desejos, para que continues vencendo, porque és digno e capaz, inteligente e probo, trabalhador e dedicado; também de ti, meu colaborador direto e incansável guardarei uma imorredoura lembrança e podés contar, sempre, em qualquer tempo ou terreno, com a amizade sincera do — (a.) Luiz S. do Rego Monteiro".



# Quem manda, afinal?

CERTOS cavalheiros chegados ao esporte do box parecem estar terrivelmente alvoroçados com a situação na classe dos meio-pesados, como se houvesse aí alguma novidade. Desde que o manager de Jack Root deu início às pugnas dessa classe nos Estados Unidos, há coisa de uns quarenta anos, e reivindicou o título para o seu pupilo, ter havido "situações" na classe das 175 libras.

Ainda agora a situação é um tanto confusa, com alguns acréscimos... A Associação Nacional de Box dos Estados Unidos, declarando que Billy Conn perdera o seu direito ao título, não só porquê havia deixado de defendê-lo, como também, porquê se passara para a classe dos peso-pesados, estatuiu que Melio Bettina, Anton Christoforidis e Gus Lesnevich deveriam disputá-lo entre si.

Christoforidis foi declarado campeão, depois de ter derrotado Bettina, e de se ser descoberto que Lesnevich se achava retido pelo empresario Mike Jacobs.

A Comissão Athletica dos Estados de Nova York se recusa a tomar conhecimento das alegações da Associação Nacional de Box, e continua a considerar Conn como campeão. A augusta entidade de Nova York insiste em manter essa atitude, até que Conn desista publicamente do título dos meio-pesados. Aliás, é provável que Billy faça isso, pouco antes da data marcada para o seu encontro com Joe Louis, em disputa do campeonato mundial de todos os pesos.

Os paredros de Nova York estão patrocinando a retenção do título nas mãos de Conn na expectativa de que este mantenha a sua decisão de disputar ainda uma vez o título dos meio-medios. Pode ser que Conn queira se servir disso como uma prova para o seu combate de junho com Joe Louis. De qualquer forma, porém, terá de renunciar formalmente à coroa dos meio-medios, antes de enfrentar o "Demolidor", pois há um regulamento em Nova York que proibe um campeão de lançar desafios à pugilistas de outras categorias.

O GLOBO SPORTIVO — Diretores: Roberto Marinho e Mario Rodrigues Filho. Gerente: Henrique Tavares. Secretario: Ricardo Serran. Redação, administração e oficinas: rua Bethencourt da Silva, 21 — 1.º andar. Preço do número avulso para todo o Brasil: \$100 — Assinaturas: anual 20\$000 — Semestral 12\$000.

Escreve Ary Barros

# Eu e Leonidas

**E**U tenho grande admiração pelo jogador de classe. Seja ele branco ou preto, carioca ou pernambucano, formado ou analfabeto. Considero o "astro" do football um homem admirável pela noção que demonstra possuir da jogada clássica ou do "tiro" indefensável, do "passe" oportuno ou da arrancada decisiva. Domingos e Leonidas podem ser considerados os tipos-padrões dos praticantes do bom "association". Um, pela precisão de suas intervenções, pela frieza de sua conduta em campo, pelo respeito ao adversário, e pelo manejo que dá ao "couro", sempre tratado por ele com particular carinho e afago. Outro, pela malícia desconcertante, pelo senso de improvisação que desnorteia, pela infinidade de recursos que tem e dos quais lança mão com rara pericia. Domingos é a ciência; Leonidas, a arte. Aquele, convence pelo método lógico que adota na sua carreira; este, assombra, pela falta de método em suas atuações. Um, intimida pela convicção do próprio valor; outro, desafia o adversário a compreender os seus intentos. Um, defende; outro, ataca. Domingos nunca seria um forward e o Leonidas e Leonidas jamais alcançaria a fama de Domingos se fosse zagueiro. Ambos, porém, reúnem qualidades tais que, consagrados pelos técnicos de dois continentes e banhados nas águas das mais arduas experiências, podem ser considerados como os maiores jogadores que o Brasil produziu em todas as épocas nas respectivas posições.

Hoje, entretanto, vou escrever algo especialmente sobre Leonidas, atendendo a um pedido de Mario Rodrigues Filho que ainda me forneceu o motivo para esta crônica, com o título: "Eu e Leonidas". A princípio não apreendi plenamente a significação do tema. Por quê "Eu e Leonidas"? As horas que passaram se incumbiram de me esclarecer o juízo e então percebi a malícia que vai nesse título e a sagacidade do jornalista que me levou a focalizar um assunto que poderia ser perigoso, mas que pude desenvolver com a devida cautela e a indispensável habilidade.

Conheço Leonidas por alto. Sou amigo de Leonidas como de todos os que de mim se aproximam ou comigo vivem no ambiente esportivo da cidade. Nunca procurei indagar detalhes nem descí a investigar os primórdios de sua vida. Dou-me com o Leonidas, apelidado "Diamante Negro" e nunca tive relações com o Sr. Leonidas da Silva, cidadão brasileiro, proprietário, capitalista ou empregado de cervejaria. Portanto, conhecemo-nos desportivamente falando. Sempre me dispensou atenção e sempre o atendi com solicitude e cavalheirismo. Gosto de Leonidas dentro de um campo de football. E fora, continuo vendo nele o maior "atacante" do Brasil. As nossas palestras sempre se desenvolveram dentro do

sentido esportivo. Tive oportunidade de demonstrar praticamente a minha admiração pelos seus dotes de footballer premiando na razão de meus poucos recursos alguns tentos que marcou com notável habilidade. Muita coisa me dizem acerca de suas virtudes e de seus defeitos. Como homem e como "profissional". De tudo, tiro a média proporcional e tenho opinião firmada sobre seu caráter e sobre o nível de sua fidelidade ao clube que ocasionalmente defende. Leonidas está bem no Flamengo. Se fosse um profissional do Fluminense, talvez morresse de tédio porquê a vida lá pelos setores tricolores não tem novidades e correm os dias no mesmo ritmo e no mesmo diapásio. Leonidas é um inquieto. O "Café Rio Branco" é o seu templo. Ele sente-se bem na zueira das opiniões

que se entrecruzam como baionetas ou no rumor dos palpites que cruzam o ambiente como os foguetes nas festas juninas. Seus olhos precisam ver panoramas diferentes todos os dias e seu subconsciente é uma fogueira de crepitar constante. Ele está bem no Flamengo — clube 100% popular e que por isso mesmo se agita nas ondas inconstantes da sua enorme torcida que também gosta de sugerir medidas administrativas ou de discutir com o técnico as futuras escalasções do quadro.

Entretanto agora, Leonidas está mal no Flamengo. Por quê? A explicação é longa e fastidiosa. Prefiro não entrar em explicações. Quero entrar no assunto imediatamente, abrindo caminho com a seguinte pergunta: "Leonidas é "causa" ou

"efeito" em tudo o que se vem desenrolando?". Melhor que eu, poderiam responder antigos dirigentes do clube, socios de prestígio, auxiliares officiosos

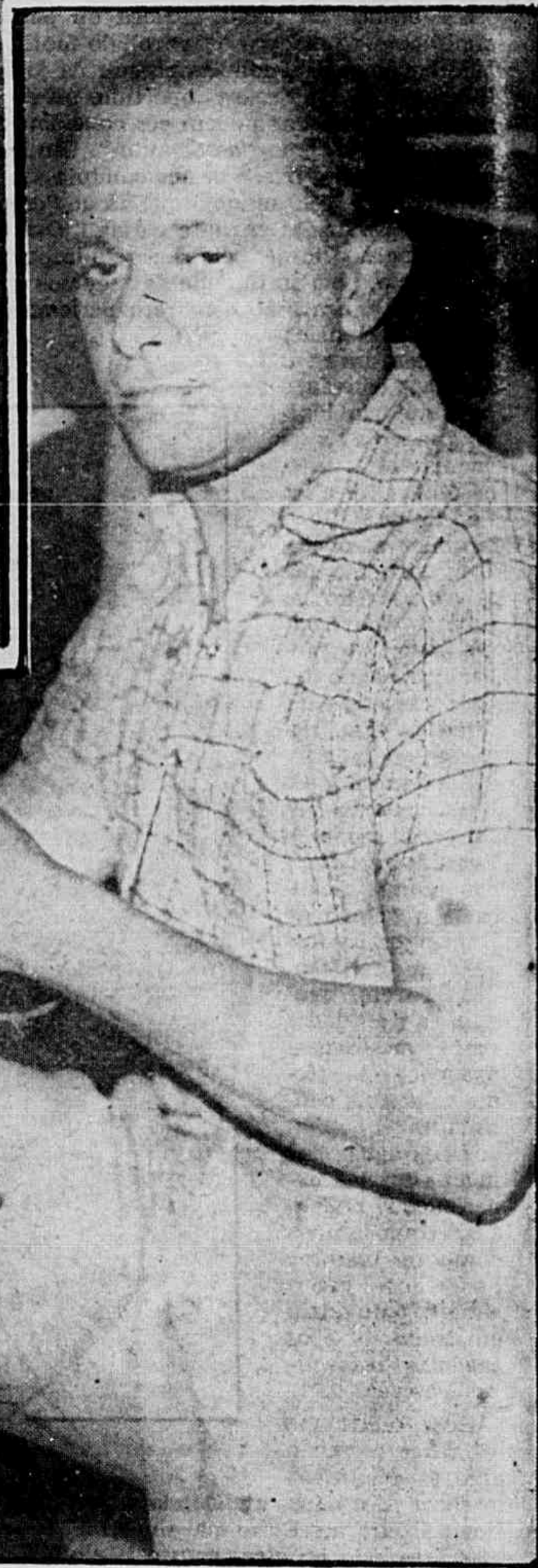
de outras administrações, pessoas influentes na casa ou capitalistas "torcedores" que sempre deram gratificações excepcionais a esse jogador ou que o aconselharam e até protegeram em varias outras situações críticas em que ele esteve envolvido. Não somente no Flamengo a atmosfera se mostrava assim delineada. Nas proprias entidades superiormente hierárquicas, Leonidas encontrou plano acessível e ambiente favorável às suas pretensões extraordinárias. A verdade é que ele foi mal acostumado e o "statu quo" permaneceu encoberto pelas cortinas do convencionalismo e das conveniências fortuitas. Tratado assim, fora do clube e dentro do clube, Leonidas levou para a Argentina o "climax" de sua vida de profissional "inteligente" e lá como aqui, encontrou a mesma boa vontade e a mesma solicitude no atenderem às suas inmutáveis exigências. De repente resolveram transformar o "meio" ao qual ele já se adaptara. A teoria do mimetismo condena essas mudanças rápidas e prescreve um lento regime de readaptação.

--- :: (CONCLUE NA PÁGINA 6) :: ---





Não haverá  
**Fla-Flu**  
aquático em 1942!



**1** O título da matéria poderla dar margem a interpretações precipitadas. Não, o que o leitor estava pensando, está errado. O Flamengo disputará o campeonato de 1942. Somente, não reunirá possibilidades à conquista do título máximo na nataçao carioca. Eis porquê escrevemos acima em letra de forma: "Não haverá Fla-Flu em 1942".

Até hoje — e já vão decorridos alguns meses — a torcida aquática do Flamengo lamenta a perda da liderança no setor da nataçao carioca. Há até (algum espírito de porco, sem dúvida) quem procure lançar a culpa a este ou aquele nadador e outros envolvem o técnico, outorgando-lhe uma parcela de responsabilidade no fracasso.

Mas ninguém, entre os que conhecem e acompanharam a maravilhosa jornada do tri-campeonato (1938-1939-1940) teria coragem de elevar a sua voz a não ser para render homenagem àquela brava equipe de campeões.

Sem piscina própria e lutando contra adversários valerosos, defrontando um sem número de dificuldades, o campeão de terra e mar preparou a sua turma e durante três temporadas foi o líder.

O mais surpreendente é que sem dispor de recursos de um Fluminense ou de um Botafogo, com sua piscina própria, o rubro-negro apresentava em cada campeonato novos valores: Eduardo Leal de Medeiros; Ivan Freysleben, Armando Coelho de Freitas, Tulio Samarcos, Aldo Barrilari.

...

Foi-se a primeira pomba...

A harmonia do célebre quarteto feminino que chegou a bater o record sul-americano de 4x100 foi seriamente atingida com o afastamento de Geysa. A falta de piscina do Flamengo não teve a mínima relação com o fato. Depois Lygia Cordovil abandonou os treinos e não defendeu as cores rubro-negras no último campeonato. Também este fato não se originou de qualquer deficiência material do clube. Sabe-se agora que Piedade Coutinho não voltará a competir e portanto não prestará seu concurso ao Flamengo no campeonato de 1942. Seyla Venancio também acompanhará Filhinha.

Geysa foi a primeira a casar-se e Lygia e Piedade breve seguirão o exemplo de sua antiga companheira de equipe. Desapareceu a célebre turma feminina de revezamento.

...

Um campeão não pode permanecer sempre em atividade, é claro. Quando se aproxima o período de aposentadoria, ou mesmo quando o técnico pressente que o veterano se prepara para descansar, sua preocupação será a de cobrir o claro em perspectiva. E' o velho processo da renovação de valores.

O Flamengo durante muito tempo cuidou de seus campeões consagrados, sem se descuidar do preparo dos futuros ases. No entanto, quem der uma vista d'olhos ao reduto rubro-negro ficará desolado com o panorama. Afastam-se os veteranos e não se vê gente nova...

"O Flamengo irá à raia em 1942 — informa o sub-diretor de nataçao Oscar Zuniga — mas sem pretensões ao título. Com Armando Coelho de Freitas, Aldo Barrilari, Tulio Samarcos e Ivan Freysleben poderemos obter alguns primeiros, mas os segundos, terceiros, quartos, quintos e sextos pertencerão aos outros clubes".

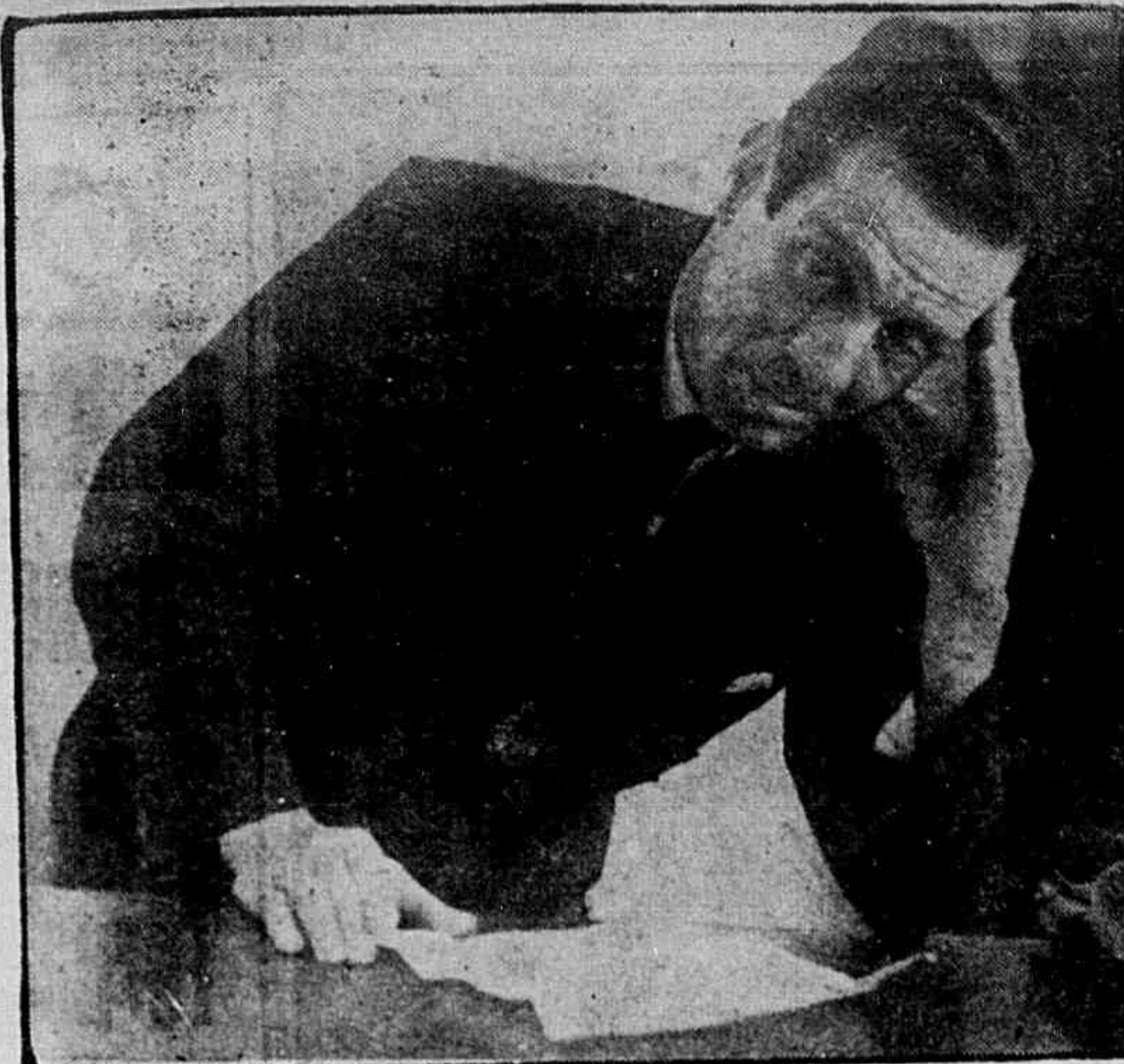
**2** Se Oscar Garcia Zuniga quisesse falar ele faria revelações interessantes como esta: "esse negocio de clubes co-irmãos é a maior conversa fiada que já ouvi. Por quê então o Botafogo de Regatas, Guanabara e o Fluminense — e outros da faixa do espírito fraterno — não deixam o Flamengo treinar em suas piscinas? Todos — com a honrosa exceção do Vera Cruz que é um anjo — exigem um dinheirão para que nós não possamos treinar".

Mas isso o sub-diretor de nataçao do Flamengo não diria para não ficar mal com uma porção de gente. Diria no máximo que pelo rumo que seguem as coisas, o seu clube está ameaçado de perder a sua equipe de nataçao ou, na melhor das hipóteses, a contar com quatro ou cinco valores para saldar seus compromissos e a manter o prestígio de ex-tri-campeão da cidade.

E o técnico, que faz? A pergunta ficaria melhor em forma negativa: o que é que ele não faz? Aí a resposta seria uma só: milagre. Realmente, sem local para treinamento não se pode formar nadadores e muito menos campeões. No seco não se arranja um conjunto feminino como aquele que ilustra esta página, isto é lógico. E Luiz Lima não tem piscina. A do ginásio Vera Cruz fica contra-mão apesar da boa vontade dos seus diretores.

Já houve muitos projetos de piscinas no Flamengo. Tudo indicava que depois do primeiro campeonato, conquistado em 1938, "ela" viesse. Mas veio o bi-campeonato e depois o terceiro título consecutivo, e nada...

Agora a situação é desesperadora. Só a piscina poderá evitar o desaparecimento da famosa equipe rubro-negra.



EU SOU

**O CRACK**

INCOMPREENDIDO

**C**RI-CRI é o mais desconfiado de todos os jogadores. Também fizeram cada ursada com ele! Quem não o viu jogar — e poucos tiveram a felicidade de vê-lo jogar — parte do princípio de que só um "mascarado" pode ficar de banda. Como é possível que um Leonidas seja desprezado por todos os clubes? Realmente, parece estranho que um Cri-Cri ande por aí livre. A única explicação é aquela fornecida pelo próprio Cri-Cri. Ele tem inimigos em toda a parte. Os técnicos não querem dar o braço a torcer, mesmo porque, com Cri-Cri, eles teriam de modificar, de mudar tudo, convencer-se de que o football que andam ensinando está todo errado. "Para Pimenta — esclarece Cri-Cri — a minha consagração seria o mesmo que uma condenação a morte. E eu estou desconfiado de que há uma sociedade secreta dos técnicos. Eles se uniram contra mim. E ser contra mim é ser contra o football brasileiro. Um dia eu vencerei. Tenho certeza disso. E por isso estou sempre em forma, pronto para a hora em que Cri-Cri dos letreiros luminosos de Paris seja o grito de guerra dos estádios do Brasil. Bonito, hein?"

ADA abateu a confiança de Cri-Cri. Ele ainda espera a "grande oportunidade". Apesar de tudo. E a gente não pode deixar de experimentar certa surpresa diante disso. Porque ele discute, argumenta, não perde a calma. Aceita que se diga dele o melhor ou o pior. Se alguém o chama de "mascarado" ele sorri.

— Que vou fazer? — pergunta Cri-Cri — Os pobres de espírito confiam muito na promessa, que lhes foi feita, do reino do céu. Eles se julgam com direito de tudo porque já estão perdoados.

Quando alguém, porém, lhe atira um pouco de "confeti" ele não se espanta. Toma o elogio como uma prova de que há quem o entenda. E como alguém principiou a entendê-lo, chegará um dia em que todos o entenderão. Cri-Cri não pede mais do que isso. Devia ser um amargurado. E contudo, todavia, encontra um jeito de sorrir. Basta pouco para alegrá-lo. Ele procura compreensão. Não anda atrás de um contrato. Se tem vivido, até agora sem contrato, pode continuar a viver sem o pedaço de papel com selo proporcional. Assim guarda uma boa recordação do presidente Degrossi — a primeira figura do River Plate. Ele conta a história toda com uma franqueza comovente. Estava aqui, bem empregado, sem razões de espécie alguma para temer o futuro. Houve, porém, quem lhe dissesse que se ele fosse para Buenos Aires o River Plate lhe saberia fazer justiça. Ele se convenceu de que chegaria e venceria. Abandonou o emprego. Reuniu as economias. E cheio de fé partiu para a outra margem do Prata. Lá treinou no River Plate. O treinador dos "milionários" não gostou dele, ele não sabe porquê. De uma feita Cri-Cri teve uma prova de fogo. Asseveraram-lhe que ele não venceria Barrios de onze jardas. Ele bateu onze penalties e mandou onze bolas para o fundo das redes. Barrios nem se mexia. Parecia grudado no chão hipnotizado por Cri-Cri. E Cri-Cri perguntava "para que lado?" Apesar dos onze goals de penalties o treinador do River Plate persistiu em ignorá-lo. Fez com ele verdadeira sabotagem. E quem ia sofrendo com isso era o presidente Degrossi. Cri-Cri narra como salvou o presidente Degrossi com uma carta. Puxa um rascunho do bolso e lê trechos. Ele explica, na carta, que o presidente Degrossi não teve culpa nenhuma, pois a direção técnica tinha autonomia. Reconhece que o presidente Degrossi manifestou simpatia por ele. E lamenta que, já se tendo exgotado os seus recursos financeiros, ele não pudesse permanecer mais tempo em Buenos Aires. No fim da carta ele esclarece que fala em falta de dinheiro sem se sentir diminuído com isso, pois "pobreza não é falha de carácter". Contudo Cri-Cri não se arrepende de ter ido. Ele já se acostumara à injustiça. Mais uma, menos uma, que importa? De longe em longe, uma estrela cintila. Ele guarda com ciúme tudo o que se escreve sobre ele. Há uma tradução feita pelo "Beira-Mar" de um comentário do "Paris-Soir". Em Paris todos gritavam Cri-Cri. Pimenta ouviu. Por que todos gritavam "Cri-Cri"? Pimenta não soube explicar e veio com a história de que "Cri-Cri" é outra coisa. Quê outra coisa, seu Pimenta? Que outra coisa? Pimenta não é forte em francês e fica embatucado. Só sabe dizer que é outra coisa. A outra coisa Cri-Cri sabe o que é. Ele nunca faz mal a Pimenta. Apenas não vê em Pimenta um técnico. Que culpa tem ele de conhecer football profundamente? Ele não anda pelos jornais dizendo que Pimenta não é técnico. Responde quando lhe fazem perguntas e para não publicar. Muitos, por exemplo, querem estabelecer uma comparação entre ele e Leonidas. Ele não gosta de comparações. Para ele Cri-Cri é Cri-Cri e Leonidas é Leonidas. Não nega que Leonidas seja um grande jogador. Mas Cri-Cri é outra coisa. Uma coisa não vista antes e que não será vista depois. Ele só tira o chapéu para Domingos. Domingos na zaga e ele na ponta direita! O pior cego é aquele que não quer ver. Ele sabe que Pimenta, apesar de não entender de football, não ignora a existência de Cri-Cri. Como ignorá-la? Em Buenos Aires, onde esteve tão pouco tempo, ele recebeu provas inúmeras da admiração popular. Aqui há balas "football". Lá, há balas Cri-Cri. Aqui há meias "Carícia". Lá há meias Cri-Cri. Aqui há sardinhas com azeite não sel o que. Lá na sardinhas com azeite Cri-Cri. E em Montevideu onde ele não chegou a treinar? Lá há um cavalo Cri-Cri, ganhador de grandes premios. Aqui os cavalos usam outros nomes, muitos dos quais estrangeiros. Há um cigarro Leonidas e não há um cigarro Cri-Cri. Por que não se faz justiça a um crack brasileiro? Por que não, se tem o valor de um outro Friedenreich? Por que se combate o que é nosso? Ele nunca atravessou o Atlântico. E apesar disso Paris, a cidade-luz, nomeou-o em letreiros luminosos. Cri-Cri, Cri-Cri, Cri-Cri. Só aqui é que ele não encontra o calor do conforto. O que o anima um pouco é o abraço do torcedor que, sem nunca tê-lo visto jogar, acredita nele. Ele não pode estar na rua sem que seja abordado. "Você é o "Cri-Cri"? Sim, ele é o Cri-Cri. E o torcedor pergunta por que os técnicos perseguem Cri-Cri. Cri-Cri terá feito mal a algum deles? Não. Cri-Cri é incapaz de fazer mal a uma mosca. Então, por que a campanha surda contra Cri-Cri? Ele não sabe responder, exceto com aquele velho provérbio de que "santo de casa não faz milagre". E Leonidas não é santo de casa? Cri-Cri reconhece que Leonidas é um santo de casa. Leonidas, porém, teve sorte. Não lutou contra um Pimenta. Nem contra a incompreensão dos pobres de espírito. Alguns torcedores dizem palavras boas a ele. Outros, porém, ficam serios demais. A boca não ri. Os olhos, porém, estão gargalhando. E Cri-Cri percebe logo tudo. O fan não é um fan, é um inimigo. E ele então explode: "Vô cê está rindo! Acha que eu sou um "mascarado!" Então por que você veio falar comigo? O homem da arquibancada nega. Mas, Cri-Cri não é tolo. Ele olha para o "pseudo-fan" de cima para baixo, de baixo para cima e esmaga-o com o desprezo. Hoje ele está envenenado. Não acredita em quase ninguém. E quando alguém o quer tapear com elogios ele pergunta, antes de continuar a conversa: "Você está falando sério? Vô cê compreende realmente o incompreendido Cri-Cri? Se quer brincar vá embora. Não quer brincar? Está falando realmente sério? Então me dê um abraço. Um dia eu lembrarei você. Não. Eu faço questão de lembrar você. E os jornais publicarão um título: "Um torcedor soube animar Cri-Cri!"



"Aqui está a carta — diz Cri-Cri. — E foi ela que salvou o presidente Degrossi. Eu poderia ter-me aproveitado da situação. Exigir um contrato antes de inocentar o "chefão" lá do River Plate. Mas não dou para meter a faca no peito de ninguém. Se o presidente Degrossi não tinha culpa — e não tinha mesmo — a única coisa que me restava era escrever a carta. Aqui está ela. Escute. Eu digo em um pedaço: "Um dia há de me fazer justiça, como eu o faço, agora, ao senhor". E mais adiante eu explico porque não podia esperar mais: "Falta de dinheiro não é baixa moral". E a verdade era justamente essa: eu não tinha mais dinheiro. Nem por isso deixava de ser o Cri-Cri. Parece à primeira vista inconcebível que o maior crack do mundo esteja sujeito às mesmas necessidades dos outros mortais. Dinheiro! Dinheiro! E como eu estava sem dinheiro o River quis comprar-me por sete vintens. Você assina um contrato provisório — insinuaram eles. Eu porém percebi onde eles queriam chegar.



○  
Brilhan-  
tismo  
do  
Torneio  
das  
Ban-  
dei-  
ras

O Fluminense Football Clube festejou este mês a passagem do seu 39.º aniversário, assinalada, com exatidão de data, no dia 21. Nesse dia o tradicional clube das Laranjeiras promoveu o seu grandioso "baile de gala", ponto culminante das comemorações. Mas já antes do dia 21, o gremio tricolor dera início às festividades comemorativas com a abertura sensacional da "II Olimpíada Tricolor", essa grande competição amadorista, que reúne os atletas de todas as seções do clube, distribuídos por três "bandeiras", agrupamentos que têm como símbolo, cada um, uma das três cores que compõem o pavilhão glorioso do Fluminense. Todos esses atletas, representando o football, nas suas três categorias, de adultos, juvenis e infantis, o basket, o volley, o tennis, a natação, o atletismo, o tiro, etc., num agrupamento vistoso de centenas, prestaram o juramento solene do atleta tricolor na noite de 17 p. p., desfilando em seguida, com o espírito imbuído dos seus princípios de esportividade e sobretudo do mais puro amadorismo. Essa tem sido, aliás, a finalidade do Fluminense ao promover as "competições das bandeiras".



EU E LEONIDAS

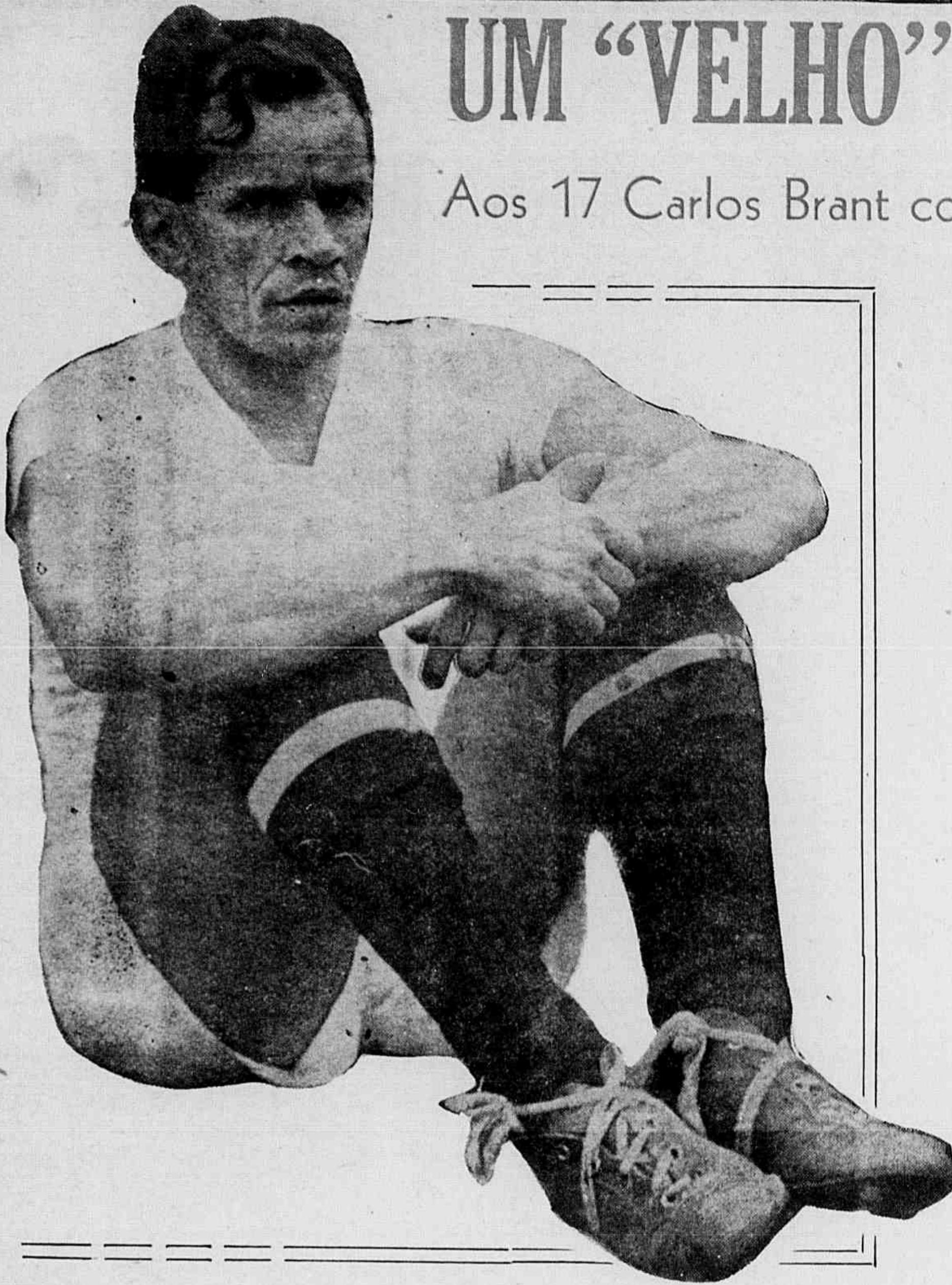
(Continuação da página 3)

regime que foi posto de lado. As consequências desagradáveis não se fizeram esperar. Creou-se um impasse. Leonidas apareceu no relatório da temporada Fla-Flu na Argentina, como indisciplinado e desobediente. A sua maior culpa foi a de negar-se a entrar em campo para defender o clube, dentro das cláusulas rígidas de seu contrato. Leonidas, porém, defendeu-se exibindo uma chapa-radiográfica na qual estava nitidamente impressa a fratura de um menisco. O resto o público sabe. Passam-se sete meses! Enquanto isso Pirillo procurava ambientar-se no quadro com a tremenda responsabilidade de tapar o buraco deixado por Leonidas. A princípio impressionou-me muito mal. Depois, melhorou e levando-se em conta uma contusão que o persegue, vem dando conta do recado satisfatoriamente. Alguns diretores do clube chegaram a olvidar inteiramente Leonidas. Outros alegavam que com (Conclue na página 11)

2 Dentre as competições de maior importância, dentro da "II Olimpíada Tricolor" figurava o torneio de volleyball feminino. E se justificava essa circunstância pela razão de ter o clube tricolor atualmente em suas fileiras, um grande número de destacadas praticantes desse esporte, celebrizadas já em outros clubes. Assim, por exemplo, se poderia citar Ildete e Nadyr do I. P. C.; Henriette, Ivete e Lucia, do antigo Tabajaras, da Urca; Inah, do Tijuca; e Iracema e Conceição, do I. S. P., além de outras mais. E a competição de volley feminino não desmereceu na expectativa, constituindo-se um autêntico sucesso. No primeiro jogo enfrentaram-se as "bandeiras" Verde e Encarnada. A Verde foi a vencedora por 2x0 (10x3 e 10x3). No segundo jogo, a "bandeira" Branca, que fora sorteada "bye" venceu a Verde por 2x1 (10x3, 8x10 e 10x8). Formaram na equipe campeã as seguintes sportwomen — Henriette Vinhaes, Ivete Mariz, Maria Helena, Romacilde Roma, Conceição Freitas, e Mirtilla Caminha.

# UM "VELHO" DE 32 ANOS

Aos 17 Carlos Brant começava entre os cracks



REPORTAGEM DE

Geraldo Romualdo da Silva

eu coisa absurda como para a maioria ela significou. O correr dos anos, porém, veio torná-la grata à minha memória. E hoje, 14 anos depois, vejo que aquela peleja significa para mim uma das recordações mais lindas. Posteriormente, de quadro para quadro, nos jogos inter-clubes, tive oportunidade de ganhar dos cariocas. O dia que se produziu o primeiro triunfo, alegrei-me sobremodo, mas não tanto. É que me parecia absurdo também vencer o team que eu colecionava nas minhas figurinhas dos saudosos maços de cigarros. Desses cigarros que nunca aproveitei...

Agora, em troca, até entre os reservas, piso a cancha sentindo o peso da responsabilidade.

— Outras recordações?

— Os campeonatos levantados nos quadros inferiores. A campanha do tri-campeonato, defendendo as cores do Fluminense. Também tenho formosas lembranças da excursão que realizamos pela Argentina.

— A primeira, Brant?

— Possivelmente também a última... So laminto não haver podido sair antes. Assim, por exemplo, aos 18 anos. Aos trinta e três, a gente já possui demasiada noção de responsabilidade. Não é idade para apreciar novidades quando se precisa cuidar do físico. Enfim, pode ser que algum dia... menos como jogador. Como jogador já me parece impossível...

— Contam que causaste sensação dansando o tango.

— Não é verdade, jamais dancei. Isso de tangos, portanto, não passa de maior exagero. Sabe por que? Por causa da responsabilidade. Devo ser dos poucos que nunca entraram numa cancha sem dormir, após uma noite de samba ou batucada corrida. No entanto, parece mentira, eu gosto de dançar... mas quase sempre durmo.

— E no gramado?

— Lá, as vezes, a gente é obrigado a acompanhar a música. Então, quando a orquestra se mostra bem afiada, a gente acaba indo da cancha para a cama.

— Quem mais te fez bailar?

— A ala Tim-Hercules.

— Chegaste a jogar contra eles?

— Não em um treino. De brincadeira, Tim me agradeceu aquela tarde com a antologia do "minueto". Que louco!... Como jogava!... Também me encontrei com o famoso quinteto do Flamengo integrado por Valido, Waldemar, Cosso, Leonidas e Jarbas. Enfim, topei com muitos outros bons.

— Mas, tu também és um dos bons.

— Quando diante de um excelente prato.

Brant ri de si mesmo. Não dá maior importância às suas atuações. Porém, sabe muito bem que rota seguiu sua vida footballística. Por isso, falando de homens de seu posto, me dizia:

— Não deixo de admirar aos dinâmicos. Talvez porque seja diferente é que admiro essa vitalidade, essa energia; mas eu jamais poderia jogar assim, porque meu sistema de atuar já nasceu distinto. Não o faço melhor, senão diferente. Segui a linha dos mais calmos... mas creio que de tanto andar, perdi a linha.

E volta a sorrir. Depois, falando sobre football, confiou-me estas palavras:

— O jogo variou e o público também. Antes se encontravam mais espectadores de football. Agora são espectadores de clubes. É diferente. Já não interessa o passe perfeito, medido. Faz-se essa jogada e ninguém toma conhecimento. Ao contrário, sucede com a bicicleta, por exemplo, diante do goal. Que vamos fazer!... Nascermos fora do tempo... estamos fora da época. Aos 32 anos não se pode ser como antes, mas, por temperamento sou um espectador do outro football, menos vigoroso e mais acadêmico.

— Até quando seguirás?

— Não sei... Consegui dividir meus gostos em duas coisas: o football e o football. Um eu pratiquei e o outro eu estudei. E continuei com estes gostos. Os anos passaram. Mas, acredita-me, o fogo não se apagou ainda. E se não fosse a guerra eu estaria hoje em Londres, assimilando algo da tática, do ensinamento e da teoria ingleses.

— IM, não te assombres...; eu sei que te parecerá mentira, eu sei, mas é verdade, eu nunca integrei um selecionado que não o de minha província.

Acreditei que fosse brincadeira de Carlos Brant. E talvez porque tenha considerado tudo isto absurdo foi que resolvi minha memória à procura de uma justificativa. Parecia-me raro um crack como Brant não ter figurado numa representação oficial do país.

— Nunca, nunca?

— Então não acreditas... É que os técnicos escolhem e elegem sempre os melhores... — respondeu filosoficamente, sem amarguras.

— É estranho... Mais de dez anos em primeiro team... destacando-se sempre.

— É tua opinião...

— E de todos.

— De todos não... Já vês que nunca me elegeram. Fui suplente alguma vez, aqui na Guanabara mas... nada mais.

— A ti seria muito grato integrar equipes selecionadas?

— Antes, sim. Agora já estou me acostumando a ser má, a ser dos ruins.

E torna a sorrir. Diz-se mui comumente que também os aficionados experimentaram a mesma estranheza e que não encontraram uma explicação para o esquecimento de que foi vítima este grande footballer montanhês.

— Nem joguel matches internacionais nem sou tão veterano assim como querem insinuar.

— Como, então, não és veterano? E aquela semi-final pelo campeonato brasileiro, disputada por mineiros e paulistas em 1927?

— Assim... sim, por este lado sou veterano... mas não tão velho como querem que eu seja. O ano anterior a esse eu ensaiava os primeiros passos no team invenit!

— Que idade tens então?

— Nasci em 1910. Aqui está o certificado.

— É teu?

Brant explode numa gargalhada.

E esclarece:

— Eu sei que tem havido muita discussão em torno dos fios de cabelo que tenho na cabeça. Há os que sustentam a afirmativa de que tenho 35... outros chegam até os 40... Na realidade ai ando entre os 31 e 32. Quando estivemos no Rio, em 1927, eu me lembro, tinha apenas 17 anos, e mal havia saído da "pelada".

— E te sentiste emocionado?

— Emociono-me muito mais agora, ante as recordações vividas naqueles momentos. Aos 17 anos não se pensa muito. Não tinha ainda um grande sentido da responsabilidade. Tu não podes imaginar que emoção! Depois, ter que enfrentar cracks que apenas havia conhecido através das figurinhas colecionadas, dessas que nos traziam as carteiras de cigarros! Quantas vezes pus-me a rir sozinho e a dizer a mim mesmo: — "quem havia de esperar!" Hoje sou diferente. Antes, jamais experimentara o nervosismo. Fui a essa semi-final como se tivesse sido chamado para jogar um match de "pelada". Tranquilo, sem medir a responsabilidade da situação. Tanto é assim que a vitória dos nossos adversários, difícil como foi, não me pare-

# O América

foi para o FLAMENGO  
me adversario di

**I** Antes do jogo já se sabia que o Flamengo não iria encontrar um adversário fácil no América. Não que os rubros se tivessem reforçado extraordinariamente para o cotejo ou que os rubro-negros se fossem apresentar muito enfraquecidos. Não era certamente por isso, pois que nem uma coisa nem outra estavam programadas. A ausência antecipadamente afirmada de Valido, Jarbas e Nandinho não era considerada um enfraquecimento positivo, porque sem Valido e Jarbas o Flamengo já vencera uma série larga de jogos, e sem Nandinho vinha de marcar sobre o Bonsucesso um placard alto: 5x2. A questão tinha um caráter mais de hobby, de tradição. Com efeito, poucas são as vezes em que, na longa história dos cotejos Flamengo x América, se pode apresentar uma vitória fácil, um placard desmoralizante. A característica dos prelhos entre rubros e rubro-negros tem sido sempre, de um modo geral, a renhidez, o equilíbrio, a dificuldade na formação de um triunfo. Isso desde os tempos mais belos do amadorismo até os que correm, de profissionalismo. Ultimamente, há uns três anos atrás, creara-se a mística de Thadeu para justificar o sensacionalismo das contendas Flamengo x América. O arqueiro paranaense na defesa do último reduto rubro andou realmente fazendo prodígios. Aquele 1x0 para o América, no estádio da Gavea, e posteriormente aquele 0x0 no estádio do Vasco da Gama, foram resultados que tão cedo não sairão da memória dos fans rubro-negros. O Flamengo bombardeou incessantemente a cidadela rubra durante quase todos os oitenta minutos (naquele tempo as partidas eram ainda de oitenta minutos), mas Thadeu barrava todas as pretensões dos chutadores da camisa rubro-negra, saltando de um poste a outro com uma agilidade fantástica, desviando bolas para corner, com as pontas dos dedos, por cima da trave superior, ou ainda mergulhando com um arrojo inextinguível nos pés dos adversários. Este ano o América surgiu no campeonato sem Thadeu. E contra os rubro-negros, no primeiro turno, apresentou Mozart no arco. Quase desconhecido ainda para os fans cariocas o keeper mineiro, que pertencera ao América de Belo Horizonte, fez no entanto o seu "cartaz" nesse match. E ao final, o placard de 0x0, afirmava que com Thadeu ou sem Thadeu, o América seria sempre um América maluco contra o Flamengo.



# FLAMENGO o mes- sifícil do turno

**2** Tais detalhes pesando na balança cercaram o match de um grande interesse, mais justificando ainda pela situação de momento dos contendores tradicionais. O Flamengo na liderança do certame, mas com a vantagem de um ponto, apenas, sobre o segundo colocado que era, e ainda é, o Fluminense, não poderia admitir sequer um empate, teria que jogar tudo para vencer, fórmula única para a conservação do posto. O América mal colocado na tabela, abaixo do sexto lugar, mas, em razão disso mesmo, interessado em subir para alcançar a classificação dos "seis" que disputarão o campeonato da cidade, não poderia pensar em outra coisa. O clube rubro, aliás, vinha de sair airoso de dois compromissos difíceis já no segundo turno. No primeiro empatara com o Vasco em Campos Sales, e no segundo empatou, também, com o São Cristóvão numa reação enérgica. Os dois clubes reconhecendo a importância do embate e o valor do adversário que lhes caberia, prepararam-se com rigor para a contenda, cumprindo ambos, dois treinos de conjunto na semana. Estava assim tudo preparado em favor do sensacionalismo da contenda. E esta, quase que correspondeu em todos os seus detalhes à expectativa. Houve um entusiasmo, muita movimentação, muita renhidez na luta. Só o que faltou, porém, foi um pouco de bom football. O América ainda fez o que seria possível de se esperar com a ausência de grandes valores em seu team. Mas o Flamengo não correspondeu ao seu cartaz de líder comprometendo-se com uma exibição que não convenceu. No primeiro período, espelhando a igualdade dos esforços e do nível de produção dos dois quadros o placard ficou sendo 0x0.

**3** Cabe aqui, porém, um parêntesis, à guisa de melhor esclarecimento. O América apresentou no goal, mais uma vez, Mozart. E o arqueiro rubro reproduzindo a mesma atuação destacada do primeiro turno, frustrou, vezes sem número, as tentativas de golear dos chutadores flamengos, produzindo defesas empolgantes. Para muitos a mística de Thadeu deixara de existir mas creara-se agora a mística de Mozart. E os zagueiros Osny e Gritta faziam o possível para auxiliar o seu arqueiro.



**4** O América reproduzia assim, ponto por ponto, a mesma atuação destacada do primeiro turno quando, então, roubara ao Flamengo o seu primeiro ponto na tabela. Mas desta vez, todavia, o Flamengo contaria com o golpe de chance que lhe faltara em Campos Sales. Lá até um penalty foi perdido pelos rubro-negros, tendo Jarbas chutado a pelota na trave. Domingo, na Gavea, o 0x0 ficou afligindo os fans do líder até aos vinte e dois minutos do segundo tempo. Nessa ocasião, então, surgiu o golpe de chance que valeu aos rubro-negros para se conservarem na liderança do campeonato. Foi o caso que desfazendo um ataque dos rubros, então em pleno vigor, Volante desfechou o couro na direção de Zizinho, este entregou-o a Vevê que rápido escapou e atirou para "fuzilar" Mozart. O arqueiro rubro estirou-se ainda para a defesa mas pôde apenas rebater o couro. E Pirillo então entrando com justiça, aproveitou o momento para assinalar o goal único da tarde, o goal da vitória do Flamengo. O triunfo todavia só teve real confirmação quando se fez soar o apito do cronometrista encerrando o tempo de jogo. Porquê, embora com a desvantagem no placard, o América não se acovardou e continuou lutando com a vibração e espírito combativo até o fim. Ai teve que deixar o campo vencido, mas com a certeza de haver garantido plenamente a tradição do cotejo.

*Fizeram pista limpa os heróis da última competição hipica.*



**1.** Há pouco inaugurada a pista "Presidente Vargas" no Itanhangá Golf Clube tornou-se já um centro de atração para os amantes do desporto equestre. E isso ficou amplamente evidenciado na reunião de domingo, quando foram disputadas a "Taça Itanhangá" e a "Prova Alfredo Santos".



*A «Taça Itanhangá»*

**2.** Como se tratasse de por a prova o interesse dos aficionados, o tempo não tem favorecido os concursos hipicos. Mas os fans têm respondido bem aos tests e a prova é que mais uma vez o local escolhido para o certame encheu-se de um público numeroso e seletivo. Desta feita, a competição realizada na aristocrática agremiação da Barra da Tijuca, reuniu meia centena de adestrados cavaleiros civis e militares do Rio e Niterói justificando-se assim os magníficos resultados técnicos assinalados. A tarde mostrava-se fria e inhóspita, a pista escurregadia, mas os cavaleiros inscritos mantiveram aceso o calor do ambiente, com os aplausos arrancados à assistência. Registrou-se um verdadeiro duelo de arroubo e perícia, destacando-se dentre o numeroso contingente de ases os sportsmen Roberto Marinho, que montando El Torito levantou a prova "Alfredo Santos" e o tenente Waldo Chagas Nogueira, que se sagrou vencedor da "Taça Itanhangá". O mais notável é que ambos, em suas respectivas provas completaram o percurso fazendo pista limpa, ou seja, com zero falta. O flagrante aelma foi obtido quando Roberto Marinho transpunha um dos doze obstáculos da



**3.** Os resultados gerais do certame, com as características das provas, foram os seguintes:

Prova Alfredo Santos — Para cavaleiros e amazonas, representantes das sociedades hipicas civis regularmente organizadas. Percurso normal sobre 12 obstáculos. Altura máxima 1m,20. Largura máxima, 3ms,50. "Handicap". Premios ao 1.º, 2.º e 3.º colocados. Uma taça de prata oferecida ao vencedor pelo patrono da prova.

1.º lugar — Roberto Marinho, da Sociedade Hipica Brasileira, montando El Torito, em pista limpa e com o tempo de 1'24"; 2.º lugar, Root Catramby, do Clube Hipico Fluminense, montando Tempestade, em pista limpa, no tempo de 1'33" 1/5; 3.º lugar, Benjamin Rangel, da Sociedade Hipica Brasileira, montando Guri, com quatro faltas, em 1'37".

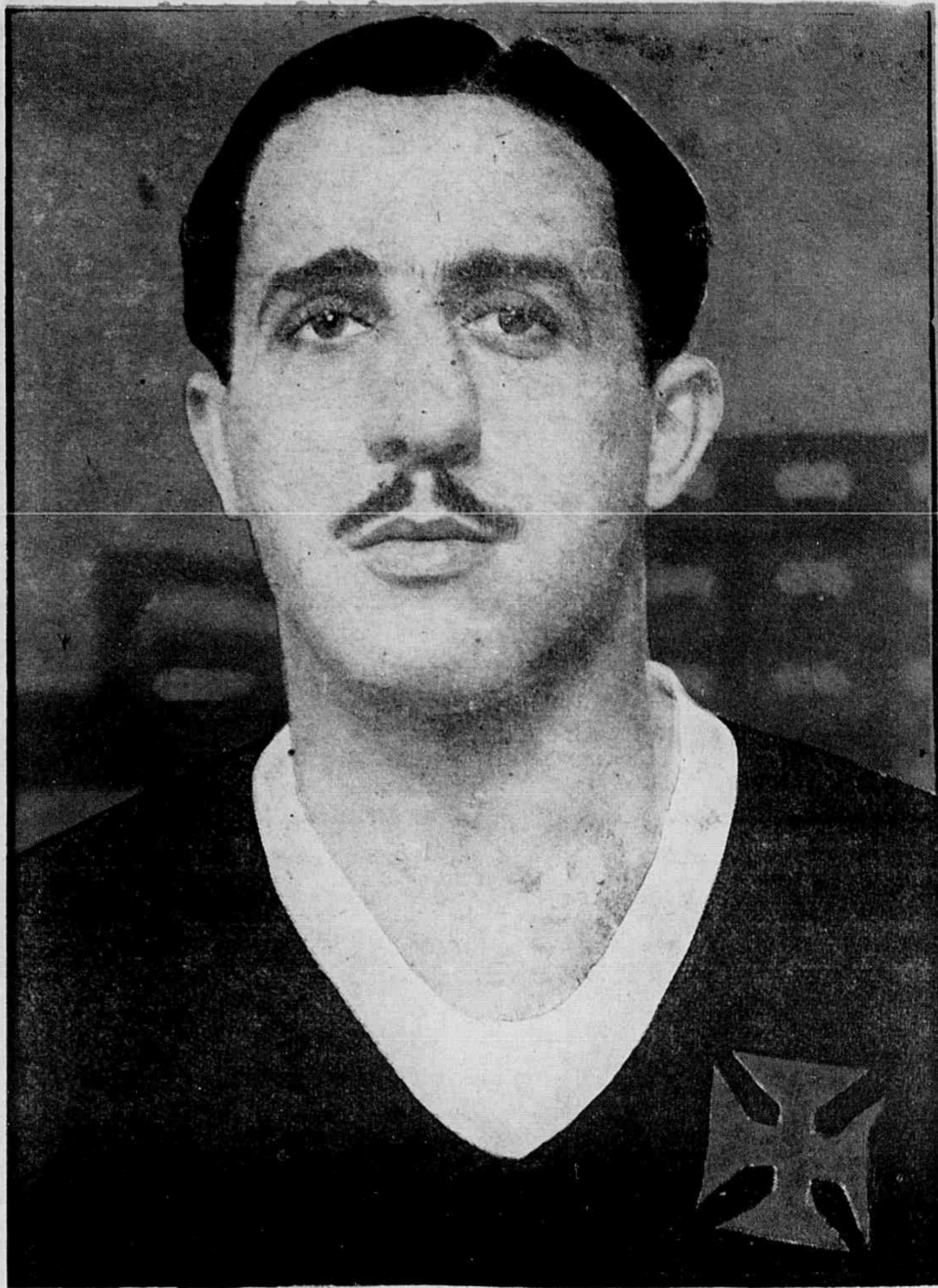
O vencedor absoluto da prova deu handicap aos demais competidores, em numero de dezoito.



**4.** Prova "Taça Itanhangá" — Percurso para civis e militares, montando qualquer cavalos (equipes de quatro cavalos), com 12 obstáculos de 1m,30 de altura e 4ms,50 de largura no máximo, barragem obrigatória e handicap.

1.º lugar — Tenente Waldo Chagas Nogueira, do 1.º Regimento de Cavalaria Divisionario, montando Hércules, com zero faltas; 2.º lugar, capitão Renato Paquet Filho, da Escola de Armas, montando Casulo, com três faltas; 3.º lugar, empatados, com quatro faltas, capitão Franco Pontes, da Escola de Armas, montando Bembo; capitão Antonio Jorge Corrêa, do Centro de Preparação de Oficiais da Reserva, montando Icarai; capitão Joaquim Camarinha, da Escola de Armas, montando Batuta e 1.º tenente Jayme Dantas, do Regimento Andrade Neves, montando Lampeão.

# Um Crack Por Semana



## ZARZUR

Alberto Zarzur nasceu em 2 de janeiro de 1912, no Estado de São Paulo, tendo portanto 29 anos de idade. A sua carreira iniciou-se na Paulicéia, sendo que o primeiro clube de categoria a que pertenceu foi o São Paulo-F. C., que na época possuía o melhor esquadrao brasileiro. Em 1934 transferiu-se para o Vasco, onde permaneceu até hoje, sempre como titular. Zarzur esteve afastado este ano do clube devido a uma intervenção cirúrgica a que se submeteu. Zarzur varias vezes integrou a seleção brasileira e carioca. No ano de 1936 participou do selecionado nacional que obteve o vice-campeonato sul-americano de football. O eixo vascaíno já tentou a sorte em Buenos Aires, onde esteve em experiência no quadro do San Lorenzo, sem ter obtido sucesso porem. Domingo passado, contra o Canto do Rio, Zarzur fez a sua rentrée no onze cruzmallino.

## EU E LEONIDAS

(Conclusão da página 6)

Leonidas no team o Flamengo não conseguiu evitar derrotas amargas e empates inesperados, chegando a afirmar que o campeonato de 39 só veio graças a uma apendicite providencial! Pontos de vistas... Eu continuo a julgar o concurso de Leonidas precioso e indispensável ao quadro do Flamengo, sem que isto signifique desprezo a Pirillo. A minha opinião, porem, não deve perturbar a orientação oficial tomada na atual emergência. Está o clube em litigio com o jogador. O menisco partido de Leonidas já foi removido com absoluto êxito clínico. Nada impediria o retorno desse player aos treinos e até ao quadro, ainda nesse campeonato. Nada, se o Flamengo, arguindo direitos e valendo-se de circunstancias especialíssimas, não officiasse à F. M. F. pedindo a prorrogação do contrato do jogador. Eu tentei solucionar a questão amigavelmente sem ferir a prerrogativa do clube e sem humilhar o profissional. Esbarrei na muralha intransponível dos melindres preciosos e... retirei-me da "cancha" entregando os pontos. Nada mais resta, portanto, que justifique o titulo desta crônica: "Eu e Leonidas". Sobrou, de minha intervenção no caso, a boa vontade que presidiu os meus passos. Estou de arquibancada, esperando o desfecho do segundo tempo da luta. Faltam poucos minutos e o placard mostra: FLAMENGO 1 x LEONIDAS 0.

## PLACARD DO CREME DE BARBEAR COLGATE

### A RODADA DE DOMINGO

FLAMENGO x FLUMINENSE  
AMÉRICA x BOTAFOGO  
S. CRISTOVÃO x VASCO  
CANTO DO RIO x MADUREIRA  
BANGÜ x BONSUCESSO



Não dá uma dentro! Pudera, não usa o Creme de Barbear Colgate. Comece bem o seu dia barbeando-se com o Creme de Barbear Colgate e verá que tudo sai bem.



GRANDE 4\$ - MÉDIO 2\$5

## A INFANCIA DO CRACK

### Primeira aventura sentimental de Jaguaré

PRÓLOGO

**M**EU nome é Jaguaré Bezerra de Vasconcelos. Nasci na saúde, em 1906. A minha vida que fora até ali um verdadeiro mar de risos, mudou repentinamente; o caso é que querendo conhecer o amor, fiquei conhecendo a dor... Um dia amei e fui amado. Quem não gostou nada de mim foi o pai da bela Harmonia — a minha primeira namorada. Houve então de minha parte uma tentativa frustrada de rapto. O pai da deusa do meu coração sabedor das minhas intenções, quase me matou. A vida não era por mim vivida sem a doce Harmonia. Assim arquitetei em meu cérebro um plano sinistro: deixaria de pertencer ao reino dos vivos. Falei, numa despedida comovente, a Russinho e a Hespagnol — nesse tempo meus companheiros de equipe — num desesperado e imperioso desejo de conhecer o misterio enorme e devorador da terra. A idéia da despedida não foi má; e isso porque nem Hespagnol nem Russinho permitiram a minha ida para o mundo que me era desconhecido. Assim, dando paz ao meu coração, esqueci Harmonia; e assim fiquei vivendo novamente uma vida de risos... Voltei a ser o que em pirralho fora: o menino que ri.

### O MENINO QUE RI...

Não é por me gabar não, mas quando comecé a pegar no goal é que o meu team comecou a vencer. Logo que pratiquei as primeiras defesas, percebi que dava para a historia... Sempre fui disputadissimo. Cedo e rí e fama... Triste teria sido se eu tivesse seguido o exemplo de outras celebridades: delatado na cama. Mas podem ficar certos de que em criança, só me deltava na cama alta noite, e olhe lá... Não fui moleque e "santinho" muito menos; era apenas um menino bastante vivo, e por que não dizer? um pedaço inteligente... Não fosse isso, nunca ninguem teria ido a canchas de football aplaudir as minhas defesas espetaculares. Ora, assim como Knut Hamsun, o autor de Fome, que foi sapateiro, condutor de bonde e humilissimo mestre-escola — (alem de ter passado fome) — para depois então ser um grande escritor — eu não fui nenhuma dessas coisas, porem de mediocre ponta-direita que era, cheguei a ser o maior arqueiro do mundo, numa observação, aliás muito justa, de um grande cronista. O caso é o seguinte: numa tarde na praça da Harmonia, assistindo a um "racha" fiquei entusiasmadissimo com as corridas dum extrema-direita. No cutro dia joguei na ponta-direita, e o resultado não se fez esperar: cheguei em casa todo machucado e cansadissimo. Quando voltei à praça da Harmonia — isso de praça da Harmonia é conversa, porque quando havia garotos por lá havia briga; e lá nunca deixou de aparecer guris a toda hora e a todo instante! — foi para jogar no goal. Acho que é desnecessario dizer que abafei como a atração máxima da "pelada". A calma com que joguei me consagrou definitivamente. Para irritar a linha-atacante adversaria, usei uma tática toda minha: ria quando um "mestre" na pelota perdia uma oportunidade magnifica de fazer goal a dois passos de mim, ou quando o crack me vendo deslocado queria consignar um tento de estio arrematando num dos cantos e a bola batia na baliza. Era rindo um riso todo meu que, depois de fazer defesas magistraes, fazia a bola girar no dedo indicador, num inovação toda minha — para arrebentar os nervos do adversario...



# A Semana Esportiva

**A** SEMANA esteve animada. Teve de tudo, menos um grande cartaz para ocupar todos os seus dias. Mas se faltou um grande "player" com um grande "caso" para encher as folhas dos jornais e provocar "manchettes" sensacionalistas, alguns fatos mereceram destaque, graças à repercussão que tiveram. E ha como nota simpática da semana o aniversário do Fluminense F. C., clube das tradições mais gloriosas do esporte brasileiro. Em resumo, os fatos principais da semana foram os seguintes:

**DIA 16** — Guará treina no Flamengo. O antigo comandante da ofensiva do Atlético agrada aos dirigentes rubro-negros.

— Inicia-se a campanha eleitoral para renovação do Conselho Deliberativo do Vasco da Gama. O Sr. Cyro Aranha encontra-se entre os seus animadores.

**DIA 17** — A Federação Metropolitana de Football multa diversos participantes da peleja Vasco x Fluminense. A quantia das penalidades alcança a elevada cifra de 2:300\$000. Pagam os jogadores os erros do juiz, pois inegavelmente o descontrolado dos "players" partiu das faltas praticadas pelo Sr. Guilherme Gomes.

— Em São Paulo, são indultados todos os "players" que se achavam eliminados, inclusive Sidney, apontado como sendo o responsável pelo suborno de "players" do São Paulo F. C., no jogo com o Palestra.

— Guará resolve processar o Atlético Mineiro. Mais um "caso" para o simpático gremio montanhês.

— Reaparece Zarzur, ensafando entre os efetivos do gremio cruzmaltino.

**DIA 18** — O Vasco da Gama junta aos papéis que enviou à F. M. F., no protesto contra o juiz Guilherme Gomes, as crônicas de todos os jornais do Rio. Se a opinião dos jornalistas for aceita, o arbitro estará fora do quadro.

— Alfredo, "keeper" do Madureira, é suspenso pela F. M. F., por falta de pagamento da multa que lhe foi imposta.

— A diretoria do América envia uma nota aos jornais afirmando que reina paz no clube.

— Finalmente é solucionada a questão Ary Barroso-Vasco. Os membros do Grande Conselho e da Comissão Diretora do Departamento da Imprensa Esportiva são recepcionados na sede do clube da Cruz de Malta.

**DIA 19** — Tomba o team de amadores do Flamengo. Depois de atravessarem invictos onze "matches" os amadores rubro-negros são derrotados pelo América por 5 x 1.

**DIA 20** — O Flamengo leva outro susto, pregado pelo América. Vence pelo "score" mínimo, numa peleja em que o adversario não fez jus à derrota. O Canto do Rio inaugura o seu estadio e é abatido pelo Vasco por 3 x 1. O Madureira prossegue perdendo, desta vez para o Bangü por 3 x 2. O Botafogo vence com dificuldade o Bonsucesso por 2 x 1. E o Fluminense arrasa o São Cristovão por 9 x 0.

— Quati vence ainda. O famoso "crack" nacional derrota de maneira sensacional varios concorrentes em mil metros.

**DIA 21** — Faz anos o Fluminense F. C., clube que representa um dos motivos de orgulho do esporte nacional.

— O major Ignacio Rollim é eleito presidente da Federação Metropolitana de Atletismo.

— Mario Gonzalez classifica-se como o melhor amador dos disputantes do Torneo de Chicago.

— Jeanette Campbell, a notavel "nageuse" argentina, casa-se com o não menos famoso nadador Roberto Pepper.

— A C. B. D. pretende enviar a F. I. F. A. a sugestão para a criação do cronometrista nas partidas de "football".

— O São Cristovão que já havia perdido os jogos de infantis, juvenis, amadores, reservas e profissionais para o Fluminense, resolve perder tambem 200\$000 e entra com um recurso na F. M. F. contra a inclusão de quatro "players" estrangeiros na equipe tricolor.

**DIA 22** — A F. M. F. resolve abrir inquerito sobre a atuação de Guilherme Gomes no "match" Vasco x Fluminense.

— A Portuguesa Santista desiste de eliminar Jurandyr, em face da promessa do arqueiro do Ginasia de defendê-la no próximo ano.

— E' erlado na F. M. F. o Departamento de Arbitros.



## VIDAS INTREP DAS

### "BLACKBIRDER" do século vinte

Nascido num rancho australiano em 1887 ele aprendeu a atirar certo ainda muito cedo, tendo uma prática formidável em canjurus e cães selvagens. Ele fugiu para o mundo ainda menino e passou cinco anos deante do mastro. Uma vez, durante uma tempestade, uma onda gigantesca lançou-o ao mar mas Bill salvou-se.

Uma destas viagens levou-o às Ilhas, cuja sedução foi irresistível para ele. Voltou para as Salomões arranjou-se como recruta de trabalho para as plantações de Copra. A ilha de Malaita sendo a mais selvagem de lote e habitada apenas por canibais ferozes era evitada pelos outros "blackbirders". Mas a pequena embarcação de Bill cedo tornou-se bem conhecida em Malaita.

Seu método era lançar a âncora em algum lugar abrigado, fazer um sinal de canhão e, enquanto esperava os resultados, colocava envoltórios de fios metálicos na cinta do navio. Depois de uma espera de muitas horas ou mesmo dias varios chefes reuniram-se na praia para uma conferencia e algumas vezes eram admitidos a bordo sob os olhos vigilante da equipagem armada.

## Confidencia mente ..

### UM CASO "VELHO"...

**A** QUESTAO, a primeira vista, parece não ter tao grande interesse para provocar tamanha discussão. Sim, porque com Jayme ou Volante o Flamengo vem mantendo a liderança da tabela, o que necessariamente é o que mais desejam os seus "fans". Mas se Artigas consegue esconder as falhas do eiro, não há nada que esconda a falta de center-halfs brasileiros. Havia Og, mas talvez não sirva. Há Jayme, porem um player não pode evoluir integrando uma fraca equipe de reservas. E o bate-boca continua animado. E' difícil um acordo, pois as opiniões se extremam. Desde as canchas até os boteguins — onde torcedores e "contristas" profissionais debateram — a velhice de Volante e a mocidade de Jayme; o jogo "soberbo" do argentino e a "pouca classe" do nacional; a experiencia europeia do atual titular e a pouca prática do ex-efetivo são pontos dos mais debatidos. A discussão alastrou-se, chegando naturalmente aos players. Jayme nem sabe porque tanto barulho. E' dos que acreditam que tudo está certo. Tão certo que é capaz de achar justificativa para a sua

permanencia eterna entre os reservas, enquanto os efetivos parecem desejar a sua volta. E Volante...

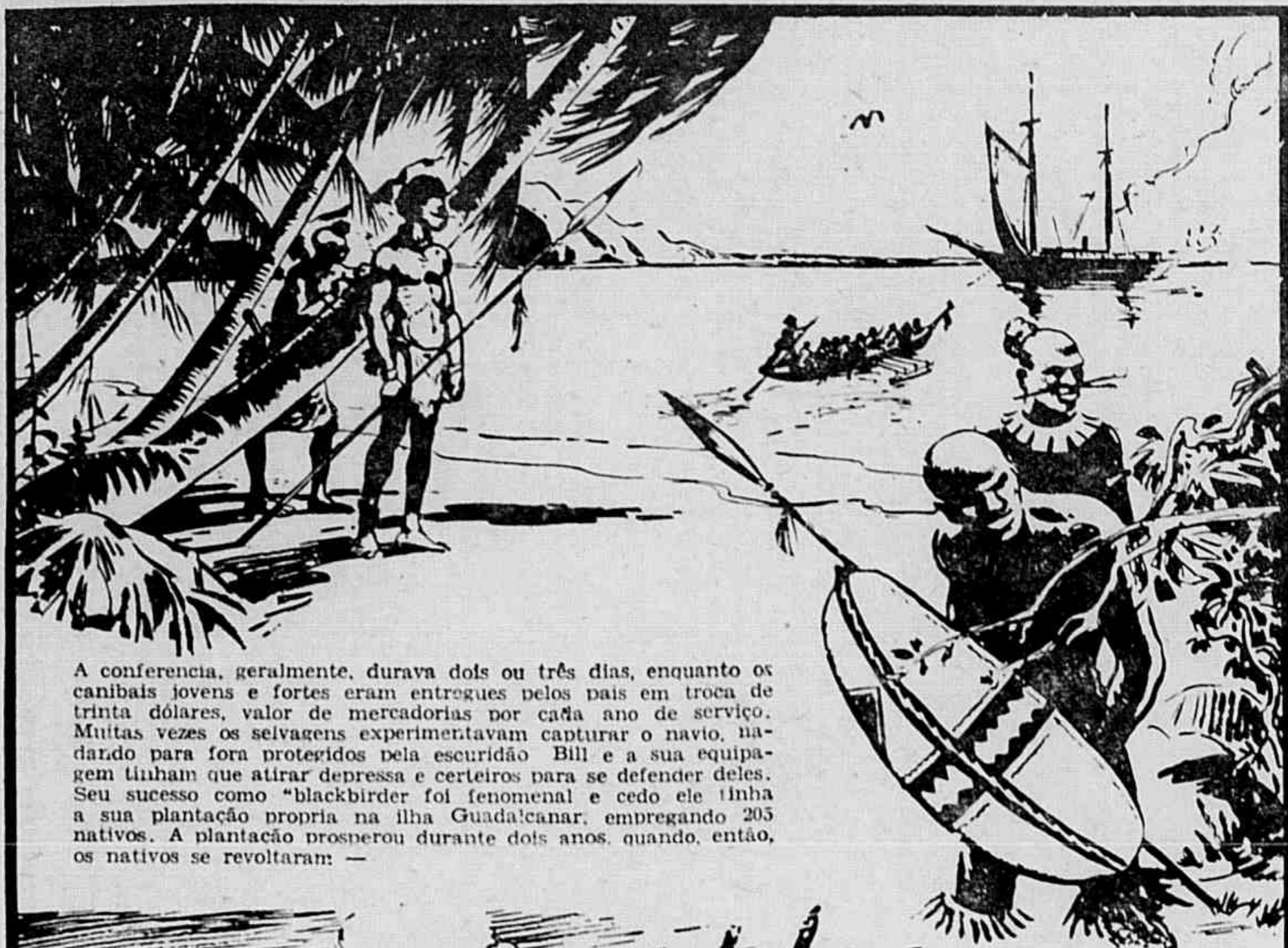
Bom, Volante tambem não gostou da campanha. Não gostou e chegou até a chorar. Sim, aquilo era de mais. Ele tão disciplinado, tão cumpridor das suas obrigações em campo e fora dele. Era preciso dar um fim a tudo. E ainda em lágrimas subiu a escada do Flamengo para falar com o presidente Gustavo de Carvalho, então cercado de diretores.

— Não quero mais jogar. Prefiro dar logo o meu lugar no "team" declarou desesperado o player platino.

Surpresos, os circunstantes entreolharam-se. Era uma verdadeira bomba. Mas, uma voz saida sabe-se lá de que garganta, aparteou:

— Está bem, avise ao Flavio para preparar Jayme. Outra surpresa, porem, apareceu. Enzugando a última lágrima que lhe descia pela face ainda pálida Volante falou, quase imperceptivelmente:

— Perdoname senhor presidente, yo... yo... desearia jogar aun que una ves más, solamente una vesita más... Isso aconteceu há um mes, e até já se repetiu...



A conferencia, geralmente, durava dois ou três dias, enquanto os canibais jovens e fortes eram entregues pelos pais em troca de trinta dólares, valor de mercadorias por caça ano de serviço. Muitas vezes os selvagens experimentavam capturar o navio, nadando para fora protegidos pela escuridão. Bill e a sua equipagem tinham que atirar depressa e certos para se defender deles. Seu sucesso como "blackbirder" foi fenomenal e cedo ele tinha a sua plantação própria na ilha Guadalcanar, empregando 203 nativos. A plantação prosperou durante dois anos, quando, então, os nativos se revoltaram: —



Ele estava no porão da sua embarcação quando aconteceu isso e foi para o tombadilho, onde encontrou o socio e toda a equipagem assassinados e o navio enxameado de canibais. Bill correu para a cinta do navio, aparentemente para se lançar ao mar, mas se escondeu sob um rolo de cordas de uma vela do navio. Dentro de pouco os canibais iam em baixo para examinar o porão —

Por três dias dirigiu a embarcação sozinho a Tulagi, lugar de ingleses residentes e trouxe os "comedores de homens" no tombadilho. Sinclair penetrou na ilha de Malaita mais longe que qualquer outro homem, antes ou depois, e conheceu as festas canibais e os ritos que são conservados secretos mesmo para os nativos de outras ilhas. Ele também organizou o único dicionário autorizado da lingua. Sua plantação prosperou até depois da guerra, quando fechou o negocio. Agora, empregado num departamento de uma loja de Brooklyn é um homenzinho gentil, com varias cicatrizes das batalhas —



## SCRATCH DA SEMANA

**M**AIS uma estréia no "scratch" da semana. Agora chegou a oportunidade para Mozart, o jovem "goal-keeper" do América. Sua atuação contra o Flamengo foi realmente espetacular, merecendo mesmo o destaque como "crack" da semana. Para a parêlha de "backs" nenhuma mais indicada do que a do Flamengo, devendo-se ressaltar que a volta de Nilton ao "team" foi das mais felizes. Figliola manteve a escalação para a asa média direita, surgindo no centro da linha intermediária Og. O titular da posição de "half" esquerdo confirmou as suas atuações e volta ao posto. Outro titular ficou na ponta direita — Pedro Amorim, aparecendo Juan Carlos na meia-direita. No centro, o dono da posição, Sylvio Pirillo. Tim é outra vez o meia-esquerda e Orlando reaparece na ponta canhota. Como se vê, Domingos, Artigas, Pedro Amorim, Pirillo e Tim são os titulares da seleção do turno que vêm mantendo o "carlax" no retorno. Enquanto isso, os demais, com Alfredo em primeiro plano, estão perdendo terreno. Há o caso do "center-half" do "scratch" do turno — Jayme. Continua brilhando, mas ainda não saiu do quadro reserva. Talvez que o "player" que ocupa a sua posição no "team" efetivo não tenha completado ainda a idade limite para ceder o lugar...

Assim, o "scratch" da semana é o seguinte: Mozart — Domingos e Newton — Figliola, Og e Artigas — Pedro Amorim, Juan Carlos, Pirillo, Tim e Orlando.

### MOZART, O "CRACK"

Como dissemos acima, Mozart é o "crack" da semana. O guardião dos rubros vem se firmando de jogo para jogo, destacando-se principalmente pelo arrojo de suas intervenções.



## "Eu não queria ser profissional ..."

LUPERCIO aspirava apenas ser campeão dos amadores em 1941



**C**ASO de Lupercio constitui quase que uma exceção na época presente. Quando milhares e milhares de praticantes do football, mesmo daqueles que mal sabem travar uma bola ou dar um shoot para a frente, com direção certa, têm como seu "sonho dourado", como suprema concretização de felicidade, a assinatura de um contrato como jogador profissional, Lupercio sorri mansamente para o reporter que o interroga e faz a declaração surpreendente:

— Eu não queria ser profissional. Sou agora por força das circunstancias. O meu desejo era continuar tranquilamente no team de amadores, marchando para a conquista do campeonato, que acredito não fugirá das mãos do Flamengo este ano. A má sorte porem perseguiu o Flamengo. Afastou Sá, afastou Valido, afastou Clivaldo, afastou Jarbas. E o meu clube não teve então outro recurso senão o de recorrer ao seu menos valioso servidor: — o Lupercio. Quando me fizeram a proposta para assinar o contrato como profissional confesso que tive um impeto de recusar. Mas afinal os argumentos foram convincentes. O Flamengo estava sem extremas e precisava de mim. Então aceitei. Unicamente para servir ao Flamengo, ajudando-o a sair de uma situação difícil. Não queria ser profissional, pelo menos este ano. Sei que não sou crack, que não tenho "pinta" de crack, que não tenho nome de crack e desejava progredir no team de amadores antes de enfrentar as responsabilidades do profissional. Pelo lado financeiro a questão não me seduzia, acreditem ou não. Sou solteiro, sem maiores compromissos na vida e o que ganho na Light, dava suficientemente para viver sem embaraços, praticando o meu football como diversão, por amadorismo. As circunstancias porem alteraram o rumo das minhas aspirações simples, e estou agora como jogador profissional, fazendo o possível para corresponder à confiança que o Flamengo depositou em mim. Podem negar-me qualidades técnicas ainda a altura de um conjunto do valor do campeão de 39 e quicá de 41. Não discuto, porque já disse que sei que não sou um crack. Mas numa coisa faço questão de não ceder a palma a ninguém. Sou flamengo por convicção, e assim no team profissional empregue-me com o mesmo entusiasmo e dedicação com que o faria no team de amadores.

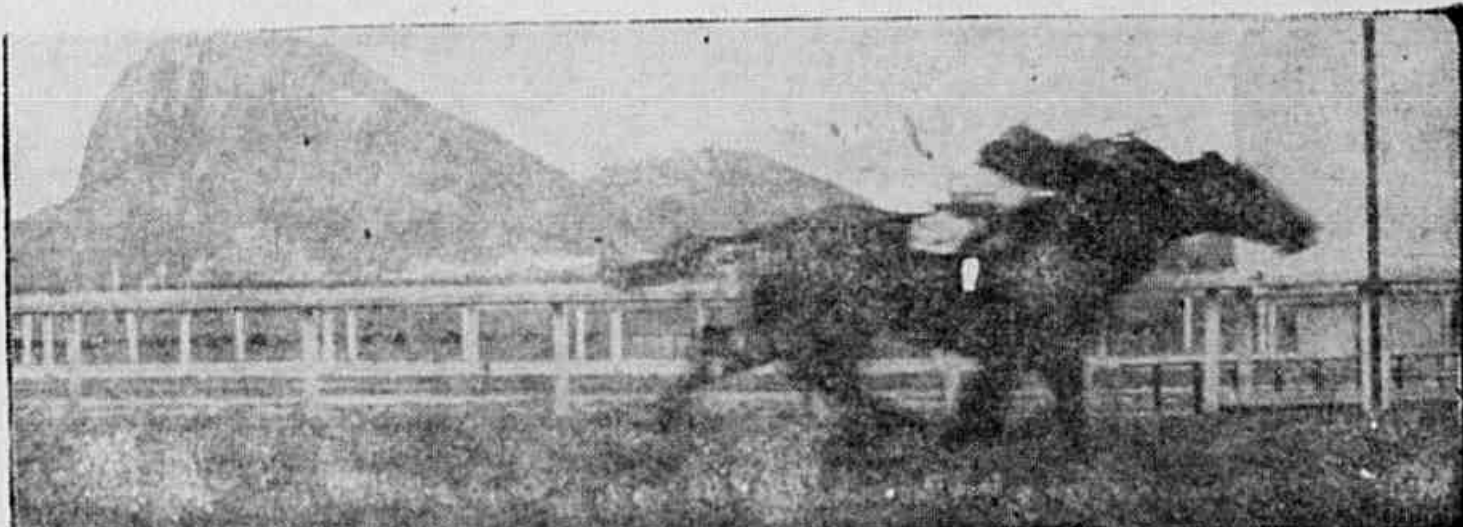
# A última corrida na Gavea

A tarde invernosa de domingo ultimo concorreu para que diminuísse um pouco a concorrência ao Hipódromo Brasileiro. Essa circunstancia, no entanto, não sacrificou a beleza da reunião, que, tanto em sua parte social, como na técnica, não interrompeu o ritmo dos seus anteriores sucessos. A prova básica do programa, o Clássico "Major Suckow", registou no seu curto desenrolar, uma das grandes sensações dos últimos tempos. A vitória alcançada por Quati sobre Flete, deu mais uma oportunidade ao glorioso filho de Taciturno, para positar sua alta classe. Atrasando-se na partida, Quati, numa fulminante atropelada de 360 metros, em galões soberbos e arrebatadores, empolgou mais uma vez o público carreirista da cidade, alcançando Flete em cima do vencedor, quando tudo indicava que este filho de Songe já era o ganhador da prova. A sua inconfundível campanha, o brioso e inexgotável "Gigante Dourado" juntou, aos 8 anos de idade, mais um feito notável. Ao voltar à repesagem, Quati recebeu enorme ovação. As provas restantes foram levantadas por Ballerine, Criolan, Peão, Gaibú, Grand Slam, Brasil e Apolo. As partidas, embora em alguns pareos se aibhassem animais indocéis, foram dadas com felicidade pelo starter, Sr. Alexandre Fernandes. O movimento da casa das apostas, atingiu a importancia de 775:905\$000, incluindo os concursos.



## QUATI, conquista mais um triunfo clássico

Seguro por seu criador e proprietário, que o foi buscar na pista, Quati volta à repesagem depois de seu impressionante triunfo. O filho de Taciturno, que, entregue a competencia de Ernani Freitas aos dois anos, tão marcante atuação tem tido nas pistas, foi por seu dedicado preparador, apresentado em magnífico estado. Zambiga que o conduziu com tanta energia, concorreu para seu grande triunfo. Ao lado vê-se o brioso parreheiro, livrando cabeça sobre Flete, que não pôde suportar sua devastadora atropelada.



### VENCEU, CORRENDO O QUE SABIA

Peão, bem dirigido por D. Ferreira, assinala seu primeiro triunfo nas pistas. Correndo o que sabia, o defensor da simpática jaqueta "cereja e boné branco" impôs-se a Arco Iris e Nada Mais que também vinham exgotados. Bonita, apesar de tudo, foi a vitória do pensionista do jovem e competente compositor G. Feijó.

### CORREU MELHOR, DESTA VEZ

Gaibú, livre da montaria de Mezaros, obteve bom triunfo sobre Kemal. O pensionista de Mario de Almeida, mereceu de seu piloto, P. Simões acertada direção. Parecendo dar-se bem em pista pesada, o ganhador produziu "performance" completamente diversa da anterior.



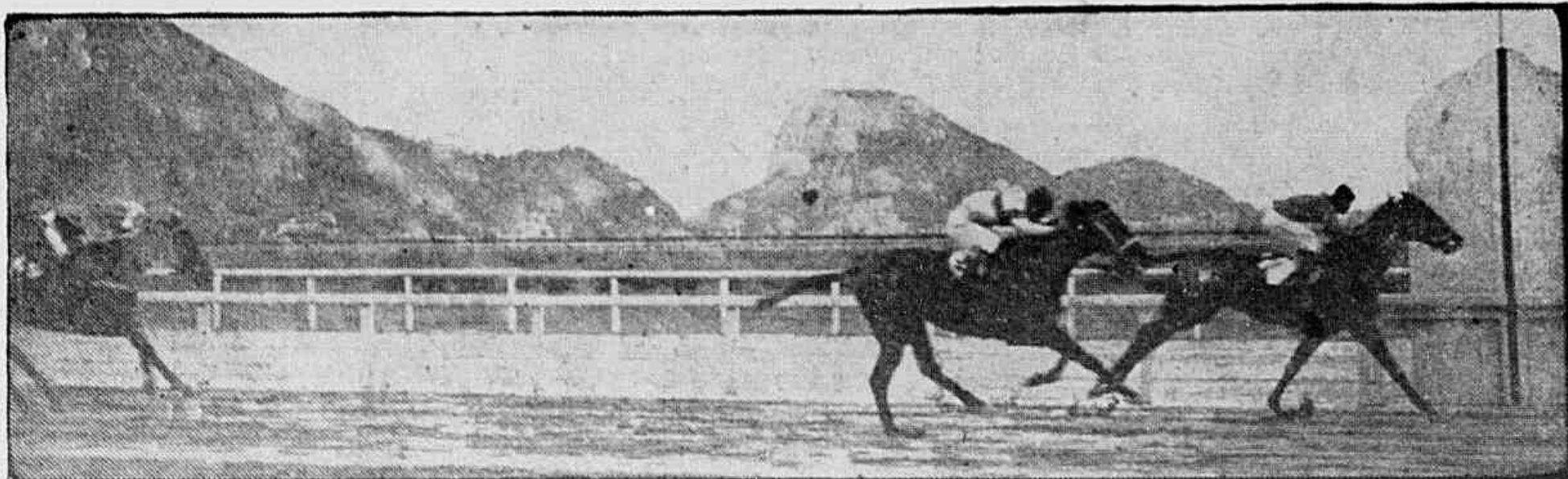
### UM BONITO TRIUNFO

Bem conduzido por Gutierrez, Grand Slam, registou um bonito triunfo na milha. Nesta carreira fracassou o cavalo Stix, que, feito favorito, não correspondeu, dando a impressão de que seu estado de saúde era normal. Secundou o ganhador, Caminito, cuja "performance" foi significativa.



### CORRESPONDENDO À CONFIANÇA DE SEUS APOSTADORES

Sob a enérgica e inteligente direção de D. Ferreira, Brasil, correspondendo ao favoritismo que mereceu, assinalou expressiva vitória. Bororó, que o escoltou, foi sacrificado pela direção que lhe deu Urbina, tirando-lhe toda a possibilidade de vitória. Rapidez, que se atrasou na partida, entrou terceira.



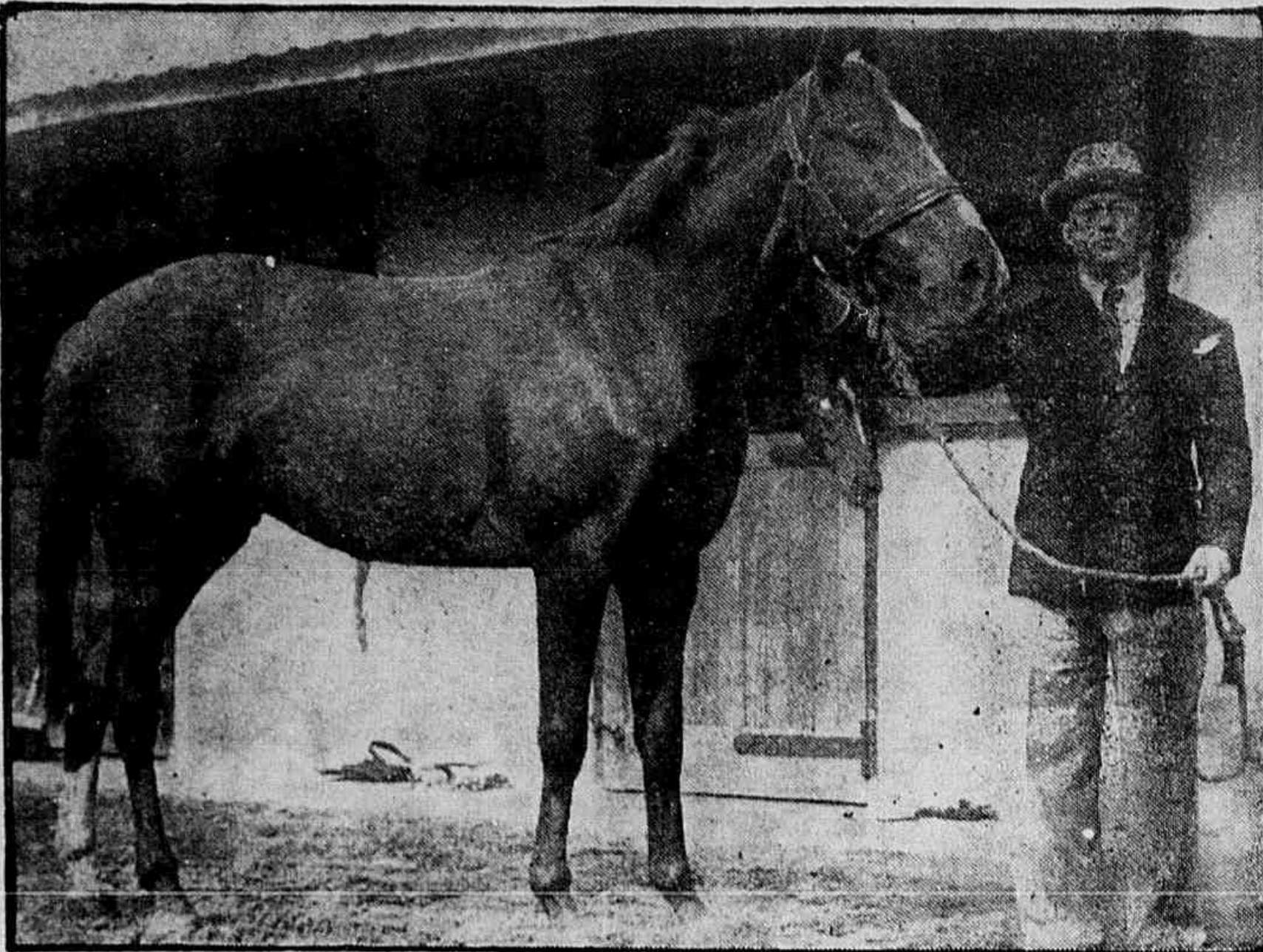
# SHANGAI

é o cavalo do G. P. Brasil

Entre as turfwomen que enriquecem a galeria dos nossos proprietários de cavalos de corridas, figura, destacadamente, D. Beatriz Rocha. Sua dedicação às coisas do turf e seu apurado espírito esportivo refletem-se na trajetória brilhante que sua jaqueta sempre teve, nos hipódromos do país. Uma rápida visita às instalações da coudelaria em apreço, deu-nos oportunidade de conhecer melhor o acerto e o carinho com que são cuidados seus pensionistas.

Acompanhando as duchas matinais, a que são submetidos os animais após seus exercícios; determinando providências de toda ordem, encontramos, cedo ainda, o coronel Agnelo de Souza, procurador do stud em apreço. Com afabilidade, fomos por ele recebidos. Dispensando-nos um tratamento cheio de atenções, o conhecido turfman nos ofereceu, de início, um café, mandado fazer no momento. Satisfazendo nossa curiosidade, o coronel Agnelo de Souza, mostrando-nos varios pensionistas do conhecido stud, entre os quais alguns potros, teceu varios comentarios, sobre o turf da cidade.

Entre nossos pensionistas, chamo sua atenção para Opulencia, respondeu-nos. É uma ótima egua uruguaia, que reputo magnífica, e cujas formas são perfeitas. Nela depositamos fundadas esperanças. Outros há, que poderão brilhar nos futuros programas, dependendo, apenas, de melhor oportunidade.



## O Cel. Agnelo de Souza

apreca o campo da nossa maior prova turfista



Saboreando um bom café sem açúcar e em caneca, como é de seu agrado o coronel Agnelo de Souza, com o sorriso jovial e comunicativo que o acompanha permanentemente, nos dá suas impressões. Mostrando-se familiarizado com a vida do nosso turf, nosso entrevistado nos proporcionou momentos agradáveis, na palestra que gentilmente manteve conosco.

Interrogado sobre o desfecho do próximo "G. P. Brasil", disse-nos o estimado homem de turf:

— Varios e positivos são os valores que vão concorrer este ano à importante carreira. Entre eles podemos citar Zurrun, Riviere, Black Tony e Polux, mas, a meu ver, Shangai é o cavalo da grande prova. Seu estado de entrainment é impecável e seus recursos já são bem conhecidos. Acredito na sua vitória.

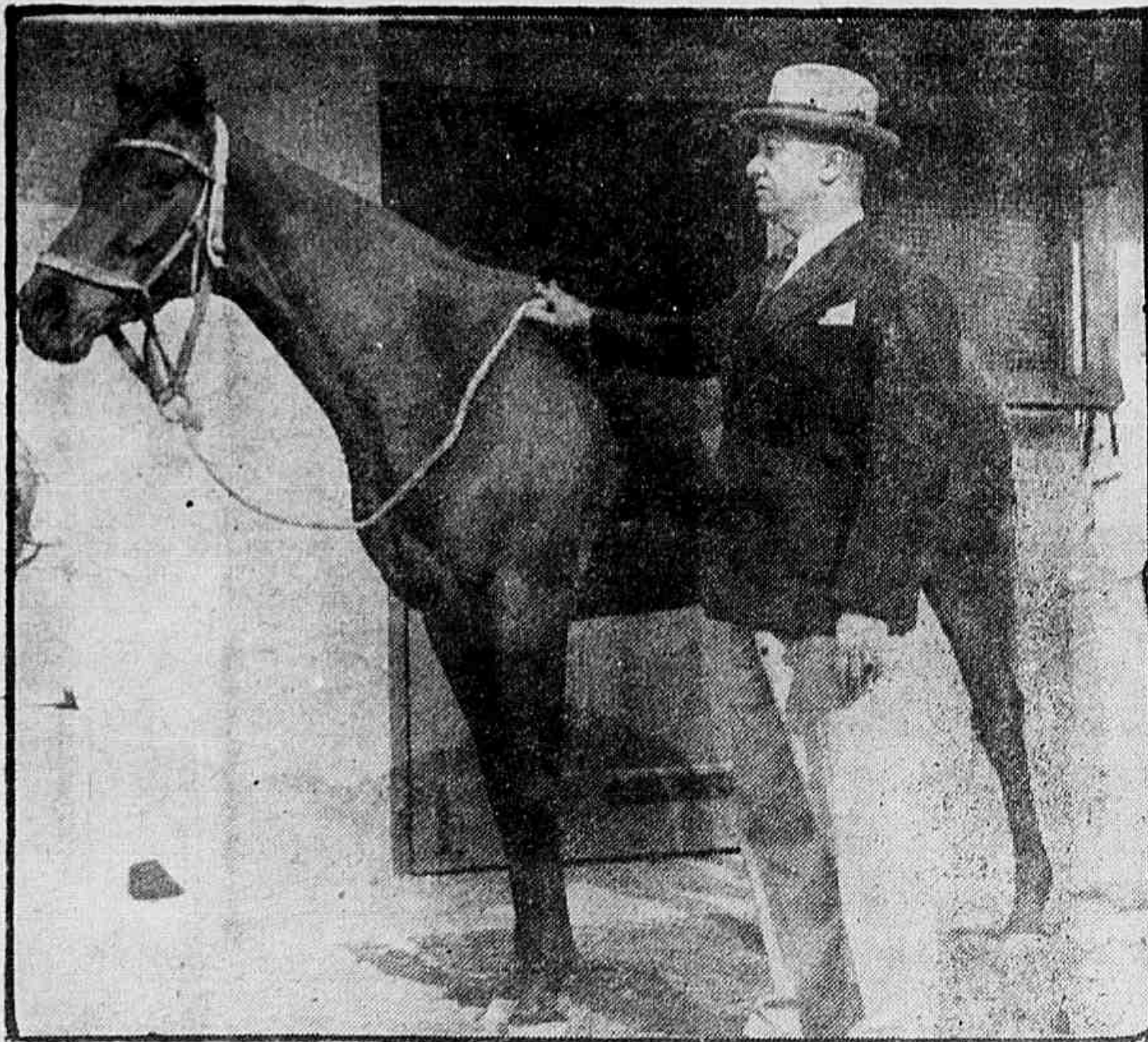
## Vão brilhar Zeppelin e Apolo

Proseguindo em suas considerações, adianta-nos o coronel Agnelo de Souza:

— A representação da criação nacional será bem defendida por Zeppelin e Apolo. O primeiro, além de ostentar forma excepcional, defende a afortunada jaqueta do Sr. Lara Campos e o segundo vem sendo preparado com todo o cuidado para esse compromisso, e tem linhagem para poder produzir expressiva performance.

Ja se fazia tarde. Os empregados da cocheira aguardavam as ordens necessarias para o prosseguimento dos trabalhos. Percebemos que interrompimos os serviços, e, por isso, nos apressamos a dar por finda nossa rápida palestra.

Agradecemos as gentilezas que nos tinham sido dispensadas e deixamos o dedicado procurador do importante stud entregue a seus múltiplos afazeres.



AS BALAS FUTEBOL

tem sua reputação firmada pela seriedade com que distribuem os brindes e cheques prometidos.

SEGURANDO a egua Opulencia e um potro, vemos o coronel Agnelo de Souza, que na procuradoria do stud Beatriz Rocha, tem se revelado profundo conhecedor dos assuntos que se relacionam com o turf e com os animais de puro-sangue. Embora em franca atividade ele se nos apresenta senhor de rara elegancia.



**O brilhantismo do Torneio das Bandeiras**

**O GLOBO**

**SPORTIVO**

ANO IV Nº 153